La Comédiathèque





O Cuco



Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

O Cuco

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na véspera de Natal, o regresso inesperado de um avô que todos julgavam morto vem perturbar a rotina de uma família aparentemente normal.
Uma comédia disparatada e cruel sobre os laços familiares.
Vá diretamente para o inferno... ou tire uma carta da Sorte.

Personagens:
Pedro
Julia
Fausto
Nina

Existe também uma adaptação desta peça para um homem e três mulheres, disponível nos sites do autor:
https://comediatheque.net/
https://jeanpierremartinez.net/.

© La Comédiathèque

Ato 1

Uma sala de estar com acesso a um terraço. Algumas decorações de Natal, mas nenhuma árvore. Julia, entre os quarenta e os cinquenta anos, está sentada num cadeirão a ler um jornal cuja manchete anuncia que a erupção de um vulcão islandês está a perturbar o tráfego aéreo. Pedro, o marido, da mesma idade, trata de uma planta numa floreira. Rega-a, pulveriza-a, poda-a... Quando já não sabe que mais fazer, instala-se noutro cadeirão. Silêncio. Entre os dois, um grande e antigo relógio de cuco, de pé, toca três vezes.

Pedro – O cuco toca sempre três vezes...

Julia – Que horas são?

Pedro – Não sei. Três horas é que não são.

Julia – Devíamos mandá-lo arranjar.

Pedro – Ou livrar-nos dele. Quando é que vêm recolher os monos?

Julia – É a única coisa que herdaste da tua família.

Pedro – Pois, e mesmo assim ocupa espaço a mais...

Uma pausa.

Pedro – Que tempo extraordinário para dezembro.

Julia – Parece o verão de São Martinho.

Pedro – Natal à varanda...

Julia – Ainda bem que não tínhamos planeado ir de férias hoje. Já viste isto? Os aeroportos estão todos parados.

Pedro – Voltámos ao tempo das caravelas. Para um avião levantar voo, agora é preciso esperar por ventos favoráveis.

Julia – E tudo por causa de um vulcão cujo nome nem conseguimos pronunciar.

Pedro – Como o do diabo...

Julia – Desculpa?

Pedro – Também não se deve pronunciar o nome do diabo! Está visto que há qualquer coisa de diabólico nesta história.

Julia – Vá, também não é o fim do mundo.

Pedro – Já começo a pensar que os profetas do Apocalipse têm razão. E se o mundo acabasse mesmo no dia 25 de dezembro deste ano?

Julia – Só porque um vulcão entrou em erupção?

Pedro – Com os dinossauros também começou assim!

Julia – Nunca se deve acordar um vulcão adormecido...

Pedro – E agora, o que vamos fazer?

Julia – Enquanto esperamos pelo fim do mundo?

Pedro – Quando o passarinho sair do ninho...

Julia – Há um ninho? Onde?

Pedro – É uma metáfora! Estou a falar da Nina, da nossa filha! Quando sair de vez e nos deixar sozinhos nesta casa, com um quarto a mais.

Julia – Ela não vai embora para sempre. E só vai para Paris. Há de voltar.

Pedro – Sim, em trânsito.

Julia – Prefiro não pensar nisso. Pelo menos para já...

Pedro – Há mais de vinte anos que os nossos dias giram à volta dela. O que comeu? O que vai comer? O que fez? O que vai fazer? Vamos ter de nos habituar à ideia de que a nossa filha única já consegue comer e ir à casa de banho sozinha.

Julia – Teremos de encontrar outros pontos de referência, criar novos hábitos.

Pedro – O que é que fazíamos antes?

Julia – Já nem me lembro.

Pedro – Vamos ter de reaprender.

Julia – Mas já nada voltará a ser como dantes.

Pedro – Então teremos de nos reinventar.

Julia repara na floreira.

Julia – Agora dedicas-te à agricultura?

Pedro – Só um ou dois pés de canábis. Para consumo próprio.

Julia – Não me digas!

Pedro – Não tínhamos combinado mudar de hábitos? Um charro de vez em quando há de ajudar-nos a esquecer os antigos. *(Ela olha para ele, perplexa.)* Estou a brincar, são tomates-cereja. Comprei-os na florista.

Julia – Na florista? Que delicadeza da tua parte, mas não era preciso. Espero que não tenhas gasto uma fortuna...

Pedro – Dez euros. Eu ia comprar uma árvore de Natal. Mas dizem que os tomates-cereja dão imenso rendimento. Mais do que os abetos, de certeza. Já viste o preço dos tomates-cereja? Quase tão caros como a canábis.

Julia – E além disso são legais...

Pedro – Se acabar por entrar na lista dos despedimentos do banco, sempre posso tornar-me traficante de tomates-cereja.

Julia – Hum...

Pedro – Por enquanto ainda não colhi nada, claro. Mas também só comprei a planta há uma hora.

Julia – Pois. E estamos em dezembro.

Ficam os dois em silêncio por instantes.

Pedro – Sabes, já nem sei se tenho medo de ser despedido ou se estou à espera que aconteça.

Julia – Pode ser uma oportunidade para evoluíres...

Pedro – Ou o princípio do fim, como aconteceu aos dinossauros. Eles não conseguiram evoluir...

Julia – Temos algumas poupanças. Receberias uma indemnização. E eu continuo a trabalhar.

Pedro – Eu sei. É isso que me deprime. Há vinte anos não tínhamos nada e não tínhamos medo de nada. Muito menos do futuro. Agora temos uma casa, dois carros, um seguro de vida cada um... Temos tudo e temos medo de tudo. Até de vulcões. Tornámo-nos dinossauros, digo-te eu.

Uma pausa.

Julia – Finalmente terias tempo para escrever o teu romance. Andas a falar dele há anos. Como era o título?

Pedro – «Memórias de um Amnésico».

Julia – É um bom título.

Pedro – Infelizmente, entretanto alguém se adiantou.

Julia – Podias chamar-lhe «Memórias de um Dinossauro»...

Pedro – Esse também já foi usado. Todos os bons títulos já estão ocupados. Imagina se tivesse nascido cem anos mais cedo: podia ter chamado ao meu livro «Em Busca do Tempo Perdido» ou «Viagem ao Fim da Noite». Com títulos desses, o sucesso estava garantido.

Julia – É de perder a vontade de escrever...

Pedro – Entretanto, mais vale não desistir da agricultura no terraço. Não vá a minha indemnização ficar aquém das nossas expectativas.

Julia – Isso preocupa-te assim tanto?

Pedro – Porque é que achas que comprei uma planta comestível em vez de canábis?

Julia – Porque na florista não vendem canábis?

Ouve-se uma flauta estridente, cheia de notas falsas.

Pedro – Mas que barulho é este? É horrível! Como é que querem que eu escreva o próximo romance vencedor do Goncourt nestas condições?

Julia – É a filha da vizinha... A Nina também aprendia a tocar flauta quando andava na escola. Não te lembras?

Pedro – É verdade. Parece que foi ontem que lhe ensinámos a tocar flauta e hoje já é advogada. Pensando bem, não é assim tão diferente...

Julia – Como assim?

Pedro – Um advogado também passa a vida a dar música aos outros.

Julia – Com a diferença de que, nesse caso, são os clientes que pagam o concerto.

Pedro – Muito bem. Seja como for, se um dia descobrirem plantações ilegais no nosso terraço, podemos telefonar-lhe assim que formos detidos. Não deixa de ser reconfortante, pois não?

Julia *(olhando para a planta com desconfiança)* – Juras-me que isso é mesmo um tomateiro?

Nina entra a puxar uma mala de rodas. É uma jovem de vinte e poucos anos, de aspeto desportivo.

Pedro – Então é hoje que te vais embora? Vais deixar-nos aqui sozinhos, como dois velhos caquéticos... Finalmente vamos ter algum sossego.

Nina – Eu também.

Pedro – Estávamos precisamente a falar de ti. Dizia à tua mãe que, se um dia aparecer um cadáver enterrado no nosso jardim, tu hás de livrar-nos de problemas com a polícia.

Nina – Achas?

Pedro – Afinal, fomos nós que te pagámos os estudos!

Julia – Tens a certeza de que não queres que te levemos a Paris?

Nina – Não é preciso, mãe, a sério. A Rosário vem buscar-me de carro.

Pedro – Rosário? Quem é essa Rosário?

Julia – A... colega da Nina com quem vai partilhar o apartamento. Sabes perfeitamente.

Pedro – Não, a mim ninguém me conta nada... E que idade tem essa Rosário?

Nina – Que é que isso interessa? És da polícia?

Pedro – Ainda é permitido chamar Rosário a uma filha? Não proibiram isso?

Julia – Com o preço das rendas em Paris... Tens a certeza de que não te esqueceste de nada?

Nina – Se me esquecer de alguma coisa, volto. Não vou para o fim do mundo.

Pedro – Bem... À escala de Paris, o décimo quinto bairro é quase o fim do mundo.

Nina *(para Julia)* – Deixo-te as minhas chaves? Por causa da empregada de limpeza...

Pedro – Sim, deixa as chaves na receção ao sair. Consumiste alguma coisa do minibar?

Julia – Devias mesmo escrever esse livro. Se pusesses no papel todos os disparates que dizes, dava para vários volumes...

O telefone toca no interior da casa.

Pedro – Vou atender. Prefiro não assistir às vossas despedidas de fazer chorar as pedras da calçada.

Pedro sai.

Nina – Parece completamente deprimido...

Julia sorri.

Julia – A menina dos olhos dele vai sair de casa. É natural que se sinta velho de repente...

Nina – Mas não me vou embora para sempre!

Julia *(à beira das lágrimas)* – Pois, foi o que eu lhe disse... É verdade, não é?

Nina – Claro que sim!

Nina abraça a mãe para a consolar. Um momento comovente. Depois afastam-se e Nina entrega-lhe um papel.

Nina – Olha, apontei-te a morada e o código da porta do prédio. Aparece quando quiseres!

Julia – Obrigada... *(Guarda o papel numa gaveta e tira de lá um revólver.)* Ah, já agora... Encontrei isto debaixo da tua cama quando estava a limpar o pó. Não devias deixar uma coisa destas por aí...

Nina – Desculpa, escondi-o para o pai não ver. Em princípio, nunca me devia separar dele, nem em casa.

Julia – Dá um beijinho à Rosário por mim...

Nina – Está bem.

Julia – Mas um dia vais ter de contar a verdade ao teu pai...

Nina – O quê?

Julia – Que passaste no concurso para a polícia e não no da magistratura! Porque é que não lhe disseste?

Nina – Tinha medo de o desiludir... Era a última oportunidade de me ver de toga pelo menos uma vez na vida...

Julia – Ser gendarme também não tem mal nenhum.

Nina – Polícia, mãe. Sou polícia.

Nina vai buscar o revólver, mas detém-se diante do tomateiro.

Nina – O que é isto?

Julia – As plantações do teu pai. Tomates-cereja...

Nina *(pouco convencida)* – Ah, pois...

Pedro regressa com um telefone sem fios na mão. Julia esconde rapidamente o revólver debaixo do sofá. Pedro passa o telefone a Nina.

Pedro *(para Nina)* – É para ti. Rosário...

Nina – Obrigada... *(Afasta-se com o telefone.)* Estou? Sim, Rosário...

Pedro – Tem uma voz estranha, não tem?

Julia – Quem?

Pedro – Essa Rosário!

Julia – Estranha como?

Pedro – Não sei... Não é muito feminina.

Julia – Ela não é hospedeira de bordo, sabes.

Pedro – Já calculava... Mas diz-me lá: que profissão se pode ter com um nome como Rosário? Só o nome deve dificultar a procura de emprego. E o que faz ela?

Julia – É... colega da Nina, já te disse. Estão a fazer o estágio juntas.

Pedro – O estágio de advocacia? Em que escritório?

Julia – Já não me lembro... Zelder e Carvani, acho eu...

Pedro – Ah, sim... Isso diz-me qualquer coisa.

Ouve-se por instantes uma sirene da polícia na rua. Nina regressa.

Nina – A Rosário está à minha espera lá em baixo. Tenho de ir...

Julia – Continuas a vir jantar cá no Natal?

Nina – Claro que sim! Já disse. Levo o peru.

Pedro – Até podes trazer a Rosário, se quiseres.

Nina – Ah, sim? Mas porque é que haveria de trazer a Rosário? Não somos casadas.

Pedro – Podes contar-me tudo, sabes... Sou teu pai... Continuaria a gostar de ti na mesma...

Nina – Tudo?

Pedro – Quase tudo.

Nina – Mesmo que a polícia apareça à ceia de Natal?

Pedro não parece perceber a alusão.

Julia – Vá, anda. Despacha-te.

Pedro – Isso, apressa-te... Estamos desejosos de ficar sem ti... Há tanto tempo que sonhávamos ter um quarto de hóspedes! *(Nina dá-lhe um beijo.)* Agora só nos falta arranjar amigos. Mas, sem filhos a nosso cargo, vamos ter tempo para isso...

Nina prepara-se para sair com a sua mala de rodas.

Julia – Telefonas-me quando chegares?

Nina – Não te preocupes.

Nina sai. Os dois ficam sentados no sofá, em silêncio.

Pedro – E pronto... Somos oficialmente dois velhos idiotas.

Julia – Tu já eras um velho idiota antes.

Silêncio.

Pedro – Queres jogar Monopoly?

Julia – A dois não tem muita piada. Mas podemos jogar no Natal, como fazemos todos os anos. Com a Rosário...

Pedro – O que fazemos ao quarto dela?

Julia – Que obsessão! Não há pressa nenhuma...

Pedro – Podíamos deixá-lo como está e transformá-lo num mausoléu. Queimávamos incenso de vez em quando.

Julia – E se fizéssemos uma viagem? Ainda tenho muitos dias de férias por gozar. E na agência funerária, depois das festas, é a época morta...

Pedro – Hum...

Julia – Vai-se lá saber porquê, as pessoas preferem morrer entre o Natal e o Ano Novo.

Pedro – O que nos fazia falta eram umas férias definitivas.

Julia – Estás a assustar-me...

Pedro – Se me despedirem, também podias deixar de trabalhar.

Julia – Não sei se temos possibilidades para isso... Ainda é preciso pagar o lar da tua mãe. A menos que nos saia a lotaria... E eu, o que é que faria?

Pedro – Sei lá... Finalmente podias fazer o que te apetecesse! Nunca tiveste vontade de fazer outra coisa?

Julia – Sabes o que me apetecia? Já ando a pensar nisto há algum tempo...

Pedro – Não.

Julia – Abrir um alojamento local...

Pedro – Porque não? Acabou de ficar um quarto livre...

Julia – Não aqui! No campo!

Pedro *(horrorizado)* – No campo?!

Ouve-se a campainha da porta.

Julia – Vês? Eu disse-te que ela voltava. Deve ter-se esquecido de alguma coisa...

Julia vai abrir. Pedro pega no jornal e desdobra-o.

Pedro *(a ler)* – «Fuga da prisão de La Santé. Recluso consegue escapar ameaçando os guardas com um revólver de imitação.» Que estranho... Onde é que já vi esta cara?

Julia regressa.

Julia – Não é a Nina...

Pedro – Quem é?

Julia – Um homem de certa idade, vestido de uma maneira um bocado esquisita...

Pedro – Tem barba branca e um fato vermelho? Bem me parecia. Quem é o idiota que estacionou o trenó numa vaga para pessoas com deficiência?

Julia – Pois esse idiota diz que é teu pai.

Pedro – Meu pai?

Julia – Pensava que ele tinha morrido!

Pedro – Eu também...

Julia – Foi o que me disseste! Afinal não morreu?

Pedro – Para mim tinha morrido... Não o vejo há vinte anos.

Julia – E porque é que achavas que tinha morrido?

Pedro – Um dia, quando andava a cavar no jardim da minha mãe, encontrei uns ossos.

Julia – A tua famosa paixão pela agricultura...

Pedro – Pensei que ela o tivesse enterrado ali.

Julia – Ah, claro... Teria sido a primeira coisa que me passaria pela cabeça. E não lhe perguntaste?

Pedro – A quem?

Julia – À tua mãe!

Pedro – Ao princípio não tive coragem. Não é uma pergunta fácil de fazer à própria mãe. Ela só me tinha dito que ele partira para uma longa viagem...

Julia – E depois? Não estranhaste que ao fim de vinte anos ainda não tivesse voltado?

Pedro – Estranhei, mas... Desde que a mãe está no lar... Sabes que já não se lembra de nada. Nem que a polícia a torturasse ela conseguiria dizer o próprio nome...

Julia – Bem, não podemos deixá-lo à porta...

Pedro – Porque não?

Julia – Afinal, é teu pai...

Julia sai novamente, deixando Pedro desorientado.

Pedro – Então de quem eram aqueles ossos no jardim?

Escuro.

Ato 2

Julia regressa acompanhada de um homem já de certa idade, bem-apessoado, vestido com roupas antiquadas e um pouco espalhafatosas. Traz um embrulho de presente.

Julia – Que amável da sua parte ter vindo fazer-nos uma visita. Mas nem sequer sei como se chama...

Fausto – Fausto. Chamo-me Fausto, minha senhora. Mas pode tratar-me por... Fausto.

Pedro – Não me lembrava de ele se chamar Fausto...

Um momento de embaraço.

Julia – Então, Pedro, não cumprimentas o teu pai?

Pedro – Sim, sim, eu... Pai? Que bons ventos te trazem por cá?

Fausto – Ventos contrários, para ser exato.

Pedro – Olha que surpresa... O contrário é que me teria espantado.

Fausto – Ia apanhar um avião em Charles de Gaulle, mas com esta nuvem vulcânica...

Pedro *(para Julia)* – Não te disse que havia algo de diabólico nesta história do vulcão? As entranhas da terra começam a cuspir fogo e o meu pai reaparece, saído da sepultura...

Julia – Então está de passagem...

Fausto – Pensei em aproveitar a ocasião para visitar o meu filho... e conhecer finalmente a minha nora... e o meu neto.

Julia – É uma neta...

Fausto – Ah...

Julia – E veio numa má altura...

Pedro – Ela acabou de sair de casa de vez... Que azar. Se tivesses aparecido só dez anos mais cedo, talvez ainda a tivesses conhecido...

Julia sente o mal-estar e procura preencher o silêncio.

Julia – Mas faça favor de se sentar!

Fausto entrega-lhe o embrulho.

Fausto – Trouxe isto para a pequena.

Julia *(pegando no presente)* – Ah, muito obrigada! Dou-lho assim que a vir. Não traz bagagem?

Fausto – Deixei-a... no depósito de bagagens do aeroporto.

Julia – Quer beber alguma coisa?

Fausto – Não queria incomodar...

Julia – Ora essa! O que posso oferecer-lhe? Quase nunca tomamos um aperitivo.

Pedro – Também quase nunca recebemos visitas. Temos poucos amigos e nenhuma família por perto.

Julia – Apetece-lhe vinho de ameixas? Trouxemo-lo das férias, este verão, da região de Agen, no sudoeste de França. Ainda nem abrimos a garrafa...

Fausto – Vinho de ameixas, ótimo.

Pedro – Faz bem ao trânsito intestinal.

Julia pousa o embrulho num canto e sai. Silêncio embaraçoso.

Fausto – Então, filho, como estás?

Pedro – Muito bem, obrigado.

Fausto – Não estás contente por rever o teu velho pai?

Pedro – Estou, estou, mas... Apareces assim, de repente, em plena erupção...

Fausto – Irrupção. Diz-se «irrupção». Erupção é com os vulcões.

Pedro – Que gentileza voltares para me dar lições de português... Da última vez que te vi, tinha acabado de fazer o bacharelato.

Fausto – E conseguiste passar?

Pedro – Agradeço a tua preocupação com a minha escolaridade, mas... onde estiveste, afinal, nos últimos vinte anos?

Fausto – Na realidade, não muito longe daqui. A uns poucos quilómetros, em linha reta.

Pedro – Ah, claro... Isso explica perfeitamente o facto de nunca me teres vindo visitar. Afinal, também não és um pássaro.

Fausto – Os pássaros também acabam às vezes metidos em gaiolas...

Julia regressa com uma bandeja, uma garrafa de vinho de ameixas e três copos.

Julia – Cá está... Vai saber-nos bem.

Julia serve as bebidas.

Fausto – Obrigado.

Julia – Já viu uma coisa destas? Tomarmos um aperitivo com a janela aberta em pleno dezembro!

Fausto – Natal à varanda...

Julia – Sim, era precisamente o que dizia o meu marido... Então, é o pai do Pedro.

Fausto – Tecnicamente, sim...

Julia – Suponho que não vive em França...

Fausto – Não tenho propriamente um porto de abrigo.

Pedro – O importante é ter saúde... E ficar longe de La Santé.

Julia molha os lábios no copo.

Julia – Está um bocadinho morno, não está? Vou buscar gelo, fica melhor...

Julia volta a sair.

Pedro – Então soltaram-te? Não foi por bom comportamento, suponho.

Fausto – Não exatamente...

Pedro – Fugiste?

Fausto – É um pouco mais complicado do que isso.

Pedro – Para mim já é suficientemente complicado...

Fausto – Digamos que beneficiei... de uma feliz conjugação de circunstâncias.

Pedro – Não me digas!

Fausto – Estava prestes a sair de França, mas por causa desse vulcão...

Pedro – Lembraste-te de que tinhas um filho.

Fausto – Na minha situação... é melhor não passar a noite num hotel. Naturalmente, lembrei-me de ti...

Pedro – Naturalmente?

Fausto – Não ias denunciar o teu próprio pai à polícia, pois não?

Pedro – Depende... Há recompensa?

Julia volta com um balde de gelo.

Julia – E aqui está o gelo!

Com uma pinça, coloca cubos de gelo nos copos.

Fausto – Obrigado pela hospitalidade...

Julia – Já agora, tem onde dormir esta noite? Se o seu avião não puder descolar antes de amanhã...

Pedro lança-lhe um olhar fulminante.

Fausto – Hei de arranjar maneira.

Pedro – Além disso, nem temos muito espaço para o receber...

Julia – Há o quarto da Nina. Tu que tanto querias um quarto de hóspedes...

Pedro – Mas... ele não é um amigo.

Julia – Mais um bocadinho de vinho de ameixas?

Ouve-se um toque de telemóvel. Fausto tira do bolso um aparelho enorme e antiquado, com uma antena telescópica que desdobra antes de atender.

Fausto – Estou...? *(Para os outros.)* Peço desculpa... Estou...?

Fausto afasta-se para o interior da casa.

Pedro – Mas que ideia foi essa de lhe ofereceres o quarto da Nina?

Julia – É teu pai, não é?

Pedro – Eu nem conheço este tipo!

Julia – Não tens a certeza de que seja ele?

Pedro – Há vinte anos que não o via! Mas não me lembro de ele ter este aspeto.

Julia – As pessoas mudam em vinte anos. Não estarás a começar a perder a memória como a tua mãe?

Pedro – Achas que ele é parecido comigo?

Julia – Se tens dúvidas, podemos pedir-lhe os documentos...

Pedro – Eu gostava era de poder revistá-lo.

Julia – Para quê?

Pedro – Para ver se não traz uma arma!

Julia – Ah, sim...

Pedro – E o que será que está ali dentro? Ouço um tique-taque, não ouves?

Julia – Achas que o teu pai vinha cá rebentar connosco com uma bomba, depois de vinte anos sem dar notícias?

Pedro – Então o que é?

Julia – É o cuco!

Pedro – O cuco... Queres dizer o meu pai? Esse também parece gostar de pôr os ovos no ninho dos outros...

Fausto volta, com um sorriso um pouco forçado.

Fausto – Faz-me alguma impressão, mas afinal acho que vou ter de aceitar o vosso amável convite... Um amigo ia dar-me alojamento, mas acabou de me deixar ficar mal.

Julia – Não há problema. Está em sua casa. Até o vento mudar...

Fausto – O vento...?

Julia – A nuvem radioativa... Quero dizer, vulcânica...

Fausto – Ah, claro.

Julia – Ao menos desta vez ninguém tentou convencer-nos de que a nuvem parou na fronteira...

Fausto – As nuvens são como os pássaros: não conhecem fronteiras.

Pedro – Nem sequer as do espaço Schengen...

Ouve-se a campainha da entrada. Fausto fica imóvel.

Fausto – Estão à espera de alguém?

Julia – Não... Vou ver.

Julia sai.

Fausto – Pode-se sair pelo terraço?

Pedro – Sim. Dá para o jardim.

Fausto – Ah...?

Pedro – Podes sempre tentar saltar. Mas estamos no terceiro andar...

Fausto – Ah...

Julia entra com Nina.

Pedro – Ah, és tu... O Fausto tinha medo de que fosse a polícia...

Julia – A Nina esqueceu-se... do telemóvel. Agora são tão pequenos que nunca sabemos onde os metemos. O seu, pelo menos, não se perde facilmente! Fausto, apresento-lhe a minha filha, Nina... Nina, este é...

Pedro *(interrompendo-a)* – O Fausto, um sem-abrigo que encontrámos na rua. Trazia um cartaz ao pescoço a dizer «Tenho fome», e convidámo-lo para o aperitivo...

Julia é apanhada de surpresa pela mentira. Nina também fica perplexa.

Nina – Muito prazer...

Julia – O Fausto vai passar cá a noite.

Nina – Bem... O vosso quarto de hóspedes não ficou vazio durante muito tempo.

Julia – Não queres tomar um pouco de vinho de ameixas connosco?

Nina – Porque não?

Pedro – Não te vai atrasar? A Rosário pode ficar preocupada...

Nina – Não é por cinco minutos.

Pedro – Eu sirvo. *(Para Julia.)* Porque não vais mostrar o quarto ao nosso amigo? *(Para Fausto.)* É a suíte da família. Vai ver, é muito sossegada.

Fausto – Está bem...

Julia – Quer acompanhar-me?

Julia sai com Fausto.

Fausto – Menina...

Pedro serve um copo a Nina. Ela observa o pai, intrigada, e ele parece constrangido.

Pedro – Não bebes o teu aperitivo?

Nina – Quem é aquele homem?

Pedro – Já te disse, um sem-abrigo. Não tinha onde dormir esta noite e, como nós tínhamos um quarto livre...

Nina – A caridade cristã nunca fez muito o teu género, pois não?

Pedro – Mas é Natal!

Nina – Estás sempre a dizer que não ligas nenhuma ao Natal.

Pedro – Pois é precisamente por isso que resolvi devolver algum sentido a esta festa, que se transformou numa celebração indecente da sociedade de consumo. Sabias que antigamente, na noite de Natal, se punha mais um lugar à mesa para qualquer desconhecido que viesse bater à porta?

Nina – Como o Pai Natal...

Pedro – Era o «lugar do pobre». Dizia-se que estava reservado às almas dos mortos da família, também convidadas para a ceia.

Nina *(cética)* – Hum, hum...

Pedro – E a prova de que ele é boa pessoa é que até te trouxe um presente.

Nina olha para o embrulho.

Nina – Para mim? Mas ele conhece-me?

Pedro – Deve ter ouvido falar de ti.

Nina abre o embrulho e tira um revólver, que segura na mão.

Nina – Um revólver... Muito bem... Agradece-lhe por mim.

Pedro – Quando eras pequena, só querias brincar aos polícias e ladrões. Lembras-te? Nenhuma das tuas amigas queria brincar contigo...

Nina – Hum...

Para disfarçar o embaraço, Nina olha para o jornal.

Pedro – Uma vez até fechaste a empregada num armário da cave porque a acusavas de te ter roubado os rebuçados. Só a encontrámos na manhã seguinte...

Um artigo no jornal chama de repente a atenção de Nina.

Nina – Um sem-abrigo...? A fotografia dele está no jornal! Não viram?

Pedro – Não...

Nina – Fugiu esta manhã da prisão de La Santé! Bem me parecia que conhecia aquela cara... Devo ter visto o aviso de procura no trabalho...

Pedro – Já tem advogado?

Nina – Estou a dizer-te que este homem é perigoso!

Fausto regressa com Julia. Instintivamente, Nina aponta-lhe a arma. Fausto recua.

Fausto – Peço desculpa. Se soubesse, tinha trazido uma boneca...

Pedro – Isso era bem mais apropriado para uma menina. Sobretudo da idade dela.

Fausto – Estejam descansados, é de brincar.

Nina – É uma imitação incrivelmente bem feita...

Pedro tira-lhe o brinquedo das mãos e examina-o.

Pedro – Aposto que até um guarda prisional se enganava se lhe apontassem isto ao nariz... *(Brinca com o revólver, tentando fazê-lo girar à volta do dedo à maneira dos cowboys. A arma escapa-lhe e vai parar atrás do sofá.)* Desculpem. Falta-me treino...

Pedro inclina-se para o apanhar, mas, sem se aperceber, pega no verdadeiro revólver que Julia tinha escondido ali. Só Julia nota a troca.

Julia – Meu Deus...

Pedro *(para Nina)* – Mas percebes assim tanto de armas?

Nina – Bem, é que... No meu trabalho...

Pedro – A minha filha é advogada.

Fausto – Ah, muito bem... Ter um advogado na família pode dar sempre jeito.

Julia *(para Nina)* – Se calhar está na altura de saíres do armário...

Pedro – Eu sabia!

Nina – Não é nada do que estás a pensar, juro. Mas, por favor, pousa essa arma sem fazer movimentos bruscos...

A brincar, Pedro aponta ao pai o revólver que julga ser falso.

Pedro – Sempre sonhei fazer isto... Tenho de falar no assunto ao meu psicólogo.

Nina – Não!

Pedro carrega sem querer no gatilho e fica tão surpreendido como os outros com o disparo.

Pedro – Disparou sozinho... O gatilho é mesmo sensível. E que realismo! Até senti o coice. Como é que conseguem fazer isto?

O pai fica petrificado por um instante e depois cai ao chão.

Julia – Meu Deus, acabaste de matar o teu pai.

Pedro – Pois... Estava precisamente a dizer que sempre sonhei fazer isso...

Nina – O pai dele?

Julia – O teu avô...

Nina – Mas eu pensava que o avô tinha morrido!

Julia – Pois, agora morreu...

Nina – Acho que vou dizer à Rosário para não ficar à minha espera...

Escuro.

Ato 3

Julia e Nina estão consternadas diante do corpo de Fausto, estendido no chão. Pedro parece surpreendido.

Pedro – Mas é de brincar! Estão a ver que ele está só a fingir para nos fazer rir. Não é, pai?

Nina – É a minha arma de serviço.

Pedro – A tua arma de serviço?

Nina – Sou polícia, pai. Não sou advogada...

Pedro – Polícia?!

Julia apanha o revólver de brincar.

Julia – O falso é este.

Pedro – Ups... Acho que o meu psicólogo chamaria a isto um ato falhado.

Nina – Para um ato falhado, até foi bastante bem conseguido...

Julia – Meu Deus, o que vamos fazer?!

Pedro – Podíamos enterrá-lo no jardim.

Julia – É uma tradição da família?

Nina – Mas não podemos fazer isso! É ilegal!

Julia – Ouve, querida, acho que não é a melhor altura para seres tão rígida com os princípios.

Nina – Rígida com os princípios?!

Pedro – Foi um homicídio involuntário...

Julia – E tu própria disseste que é a tua arma de serviço! Eu bem te avisei para não a deixares por aí...

Pedro – Ele estava fugido. Ninguém daria pela falta dele.

Julia – Parece que ainda está a mexer-se...

Pedro – Não seria mais humano acabar com o sofrimento dele antes de o enterrarmos?

Nina abre a camisa de Fausto para o examinar.

Nina – A bala fez ricochete na medalha. Está apenas atordoado com o impacto...

Pedro – Uma medalha?

Nina – Parece ser de aço.

Pedro – Deve tê-la gravado na cela para passar o tempo.

Nina – Tem a imagem do Papa...

Julia – Meu Deus, é um milagre!

Pedro – Mais um ou dois destes e já podem beatificar o Sumo Pontífice. Mas não sabia que o meu pai era tão devoto...

Julia – Os italianos são assim, sabes. Até os mafiosos...

Pedro – Também não sabia que ele era italiano.

Fausto recupera os sentidos.

Fausto – O que aconteceu?

Julia – Foi só uma pequena indisposição, avô... Deve ter sido da emoção. Estes reencontros de família mexem com qualquer um...

Nina – Continua a ser um fugitivo da prisão.

Julia – Mas não podemos entregá-lo à polícia!

Nina – Eu é que sou polícia!

Fausto – Pensava que ela era advogada...

Pedro – Eu também. É curioso: ainda ontem isso me teria aborrecido, mas agora até estou aliviado.

Nina – Ah, sim?

Pedro – Vai encurtar consideravelmente este reencontro familiar.

Julia – O que havemos de fazer com ele...?

Nina – Assalto à mão armada, recetação e agora fuga... Nunca se recuperou o produto do último assalto.

Pedro – Ora aí está...

Julia – Mas, apesar de tudo, é teu avô.

Pedro – A família não se escolhe... *(Para Fausto.)* Vais dizer-me, afinal, porque vieste?

Uma pausa.

Fausto – Antes de vir cá, fui visitar a tua mãe.

Pedro – E então?

Fausto – Não se lembrava de mim. Acho que já não está muito bem da cabeça.

Pedro – Eu também já me tinha esquecido de ti, e tenho a cabeça perfeitamente boa. É normal esquecermo-nos de alguém que não vemos há vinte anos...

Fausto – O problema é que... precisava que ela se lembrasse de uma coisa em particular.

Pedro – Conta lá...

Fausto – Foi ela que escondeu o dinheiro do meu último assalto.

Pedro – E agora não se lembra de onde o pôs, é isso?

Fausto – Tu não tens nenhuma ideia?

Pedro – Eu?!

Fausto – Ela pode ter-te contado alguma coisa.

Pedro – Mesmo quando estava bem da cabeça, a minha mãe nunca foi de grandes conversas. Nem me disse que o meu pai estava preso, em vez de estar enterrado no jardim...

Nina – Enterrado no jardim?

O cuco toca três vezes.

Julia – Agora ela é um bocado como este velho cuco. Ficou com o disco riscado.

Nina – Mas isto é de loucos! Estamos a falar do produto de um assalto à mão armada!

Julia – Quanto dinheiro?

Fausto – Doze milhões.

Julia – Doze milhões?!

Pedro – Ah... Isso já é dinheiro.

Julia – Dá para fazer muitos planos.

Fausto – Podíamos dividir o dinheiro.

Julia – Uma doação, por assim dizer...

Pedro – Para saldar as contas de uma vez por todas.

Julia – E de onde veio esse dinheiro?

Fausto – Da Société Générale.

Nina – Estamos a falar de um assalto, não estamos? Não de um levantamento ao balcão...

Julia *(para Pedro)* – Podias encarar isso como uma indemnização por despedimento.

Nina – Primeiro tínhamos de encontrar o dinheiro...

Pedro – Não vai ser fácil. Quando pusemos a mãe naquele lar, tivemos de vender a casa dela para pagar parte das despesas. Não nos estou a ver a pedir aos novos donos que nos deixem abrir buracos no jardim...

Julia – Já agora, se aqueles ossos do jardim não eram do teu pai, de quem eram?

Nina – Ossos? Que ossos?

Fausto – O jardineiro descobriu o dinheiro quando estava a plantar bambus. Pouco depois, caiu de uma cerejeira.

Pedro – Um acidente doméstico, digamos assim.

Nina – Que azar...

Fausto – Como trabalhava sem estar declarado e não tinha família, a tua mãe achou melhor tratar ela própria do funeral. Enterrou-o ao pé da cerejeira, na maior intimidade...

Pedro – É tão triste não podermos contar com uma família que nos ame, nem sequer no dia do funeral...

Julia – É bem verdade... Trabalho numa agência funerária e, acreditem, às vezes até seria mais alegre sermos enterrados no nosso próprio jardim.

Pedro – Sobretudo no caso de um jardineiro.

Fausto – Foi depois disso que a tua mãe resolveu esconder as notas noutro sítio. Mas não sei onde.

Julia – Onde terá aquela velha maluca escondido o dinheiro...?

Fausto *(para Nina)* – Não fazes ideia de onde a tua avó o possa ter guardado?

Nina – Não. E, mesmo que soubesse, não vos dizia!

Julia – Pensemos um bocadinho. O que é que ela poderia ter feito com aquela fortuna?

Pedro – Talvez tenha aberto uma conta secreta na Suíça.

Nina – Consegues imaginar a avó a abrir uma conta na Suíça?

Pedro – E ainda teríamos de descobrir qual era o banco e o número da conta...

Julia – Também pode tê-lo escondido aqui.

Pedro – Afinal, ela passou uns meses connosco antes de a Julia insistir que fosse para o lar...

Julia – Eu?!

Pedro – Sim, tu...

Julia – Essa é boa! Eras tu que dizias que já não a conseguias aturar!

Fausto – Podemos revistar a casa...

Pedro – Não é assim tão grande. Se houvesse dinheiro escondido aqui, já teríamos dado por isso.

Julia – A menos que alguém o tenha encontrado e guardado só para si... Ou só para si própria.

Nina – Estás a insinuar que fui eu?

Julia – Não, estava a pensar... na empregada, por exemplo. Lembras-te de quando eras pequena? Já nessa altura te roubava os rebuçados...

Fausto – Talvez a tua mãe tenha levado o dinheiro para o lar.

Pedro – Quando saiu de casa para vir viver connosco, só quis trazer aquele velho cuco que nos dá cabo da cabeça o dia inteiro.

Julia – E durante a noite também...

Pedro – Claro que no lar não quiseram aquilo. Então a tua avó deixou-nos o relógio.

Nina – Talvez para garantir que, a cada hora, se lembravam dela com saudade...

Pedro – Se dependesse de mim, já tinha dado aquela velharia à Cruz Vermelha.

Nina – É a única coisa que te resta da família! Quer dizer, para além dos teus pais...

O cuco volta a tocar três vezes.

Fausto *(olhando para o relógio de pulso)* – Que horas são?

Pedro – Quando os enfermeiros vieram buscar a mãe, eram três horas. Desde então, o cuco só toca três vezes. Deve ser para nos fazer sentir culpados.

Julia – Meu Deus, o cuco!

Nina – O que foi?

Julia – E se ela escondeu o dinheiro lá dentro?

Todos se voltam para o cuco.

Pedro – Não custa nada ver...

Enquanto Julia procura dentro do relógio, Fausto lança um olhar a Nina.

Fausto – E gostas de trabalhar na polícia?

Pedro e Julia continuam a procurar.

Pedro – Não encontro nada. E tu?

Julia – Não... Espera! Aqui está!

Ela tira um saco do lixo e abre-o sob o olhar atento dos outros três.

Julia – Um saco cheio de notas...

Pedro – De certeza que era isto que prendia o mecanismo nas três horas.

Nina – Quantos milhões eram, mesmo?

Fausto – Cerca de doze milhões de francos.

Pedro – Francos? *(Examina as notas.)* Raios, isto são francos!

Fausto – Pois... Foi há vinte anos...

Estupefação geral.

Pedro – E que raio vamos fazer com francos?!

Julia pega no telemóvel e consulta-o.

Julia – Os francos deixaram de poder ser trocados por euros em 17 de fevereiro de 2012.

Pedro *(para Fausto)* – Então estamos feitos... Bem me parecia que era sorte a mais.

Julia espreita o fundo do saco.

Julia – Esperem... Também há quatro barras de ouro lá no fundo!

Fausto examina o conteúdo do saco.

Fausto – Quatro barras?! Eram oito! Onde estão as outras?

Fausto olha para os outros com desconfiança.

Nina – É isso, avô, chama-nos ladrões...

Fausto – O que é que a tua mãe fez ao resto?

Pedro – Talvez o tenha gasto.

Julia – E nós a sacrificarmo-nos para pagar o lar dela...

Pedro – Quanto valerão quatro barras de ouro em euros?

Nina – Depende da cotação do ouro, mas há de ser uma boa quantia...

Pedro – Tirando as notas que já não se podem trocar, também já não sobra grande coisa.

Julia – O que fazemos?

Pedro – Dividimos?

Nina – Mas é dinheiro roubado!

Julia – É dinheiro de um banco. Os ladrões são eles!

Fausto – A verdade é que, a dividir por quatro... Uma barra para cada um... Não vamos muito longe. Sobretudo eu...

Julia – Podíamos investir tudo numa casa de hóspedes no campo e geri-la em conjunto. Finalmente a família toda reunida!

Os outros três não revelam qualquer entusiasmo.

Fausto – Ou apostamos tudo numa partida de póquer. Que ganhe o melhor!

Pedro – Póquer?! Deves estar a brincar. Passou os últimos vinte anos a jogar às cartas com os companheiros de cela. Era como jogar Scrabble com um membro da Academia!

Nina – Nesse caso, mais vale um jogo de sorte.

Fausto – Roleta russa?

Pedro – O avô está a brincar...

Julia – Então jogamos o dinheiro ao Monopoly!

Os outros três ficam estupefactos.

Escuro.

Ato 4

Estão a meio de uma partida frenética de Monopoly, num ambiente de casino.

Nina – É a primeira vez que jogo Monopoly com notas a sério...

Nina lança os dados.

Julia – Notas, sim... De francos que já nem se podem trocar por euros.

Nina – Cinco. Sorte. *(Tira uma carta.)* «Ganhou o segundo prémio num concurso de beleza. Receba 500 francos.»

Pedro lança os dados.

Pedro – Sete. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete... Paradis! Compro!

Fausto lança os dados.

Fausto – Três. Um, dois, três... Caixa da Comunidade. *(Lê uma carta.)* «Fica livre da prisão. Pode guardar ou vender esta carta.» Vou guardá-la...

Julia lança os dados.

Julia – Oito. Belleville. É meu. Ponho uma pensão e três quartos de hóspedes...

Nina lança os dados.

Nina – Dois. Um, dois. «Vá para a prisão.» É onde vamos acabar todos, aviso-vos já...

Pedro lança os dados. Ouve-se ao longe uma sirene da polícia.

Pedro – Quatro. Um, dois, três, quatro... Sorte. «A Société Générale oferece-lhe 3 000 francos para se instalar.»

Julia – Francos...

Pedro – Foi o banco onde trabalho que ofereceu este Monopoly à Nina quando lhe abrimos a primeira conta poupança...

Fausto lança os dados.

Fausto – Onze. Pigalle! Compro! Ponho dois hotéis à hora e três bordéis!

Fausto prepara-se para tirar dinheiro diretamente do banco. Nina aponta-lhe imediatamente o revólver.

Nina – Nem toques no dinheiro, avô! Sou eu que vigio o banco! *(Fausto aponta-lhe também um revólver.)* Eu tenho a arma verdadeira. Aconselho-te a desistir...

Fausto cede e baixa a arma.

Fausto – Magoa-me ver a minha própria neta desconfiar da minha honestidade.

Tocam à porta. Todos ficam imóveis.

Julia – Quem será a estas horas?

Nina – Não ouviram a sirene da polícia?

Pedro – Parece-me que a partida acabou...

Nina – Calma! Não se interrompe uma partida de Monopoly assim. Vou ver. *(Levanta-se.)* Pai, toma conta do banco!

Pedro – Não te preocupes, estou habituado.

Esperam um instante, olhando uns para os outros com desconfiança.

Julia – Mais um bocadinho de vinho de ameixas?

Nina regressa.

Pedro – Então?

Nina – Eram os meus colegas. Vieram perguntar se por acaso o fugitivo não estaria escondido em casa do filho...

Fausto – E então?

Nina – Mostrei-lhes a minha identificação de polícia...

Fausto *(aliviado)* – O sangue não engana... Agora és mesmo da família.

Nina – A partida continua...

Julia lança os dados.

Julia – Doze. Champs-Élysées...

Pedro – É meu! Com um hotel, são 150 000 francos.

Julia – Pronto, estou arruinada... *(Para Pedro.)* Mas afinal somos casados em regime de comunhão de bens, não somos?

Nina lança os dados.

Nina – Sete. «Pague uma multa de 100 francos ou tire uma carta da Sorte.» Prefiro tirar uma carta. *(Tira-a e empalidece.)* «Avance para a Rue de la Paix»...

Pedro – Também é minha! Com um hotel, são 200 000!

Nina – Estou arruinada também...

Pedro *(para Fausto)* – Agora somos só nós dois. *(Lança os dados.)* Prisão. Só de visita...

Fausto lança os dados.

Fausto – «Vá diretamente para a Gare de Lyon.» É mesmo isso que tenciono fazer quando sair daqui. Há de estar menos vigiada do que os aeroportos...

Pedro lança os dados.

Pedro – Estacionamento gratuito...

Fausto lança os dados.

Fausto – Nove... Rue de la Paix.

Pedro – É minha! Duzentos mil francos!

Fausto – Declaro falência...

Julia – No fim, é sempre o banco que ganha...

Fausto faz um movimento rápido, apodera-se do revólver de Nina e ameaça os restantes.

Fausto – Desculpem, mas não tenho alternativa... *(Os outros três levantam as mãos.)* Isto é um assalto. Não façam movimentos bruscos e ninguém se magoa. Passem para cá o dinheiro...

Escuro.

Ato 5

De cada lado do relógio de cuco, Pedro e Julia estão sentados nos cadeirões, passando um charro de um para o outro. Na mesa de centro há dois copos e uma garrafa. O cuco toca três vezes.

Pedro – O cuco toca sempre três vezes...

Julia – Hum...

Pedro – Pensava que agora já funcionava.

Julia – Funciona.

Pedro – Que horas são?

Julia – Três horas.

Pedro – Ah, está bem...

Silêncio.

Pedro – Não sei até onde conseguirá chegar com as barras de ouro.

Julia – Talvez até à fronteira.

Pedro – Espero ao menos que nos mande um postal...

Julia – Hum...

Pedro – E os teus pais, como estão? Há tanto tempo que não os vemos... Ainda não morreram, pois não?

Julia – Não, não.

Pedro – Que idade é que têm agora?

Julia – Já nem sei... São tão velhos que começo a perguntar-me se não morrerei de velhice antes deles...

Pedro – No fundo, temos pouca sorte...

Julia – Porque dizes isso?

Pedro – Podíamos ter esperado que o destino nos desse uma ajudinha...

Julia – Vá, não sejas tão pessimista... Temos de ver a garrafa meio cheia... *(Pega na garrafa e enche os dois copos.)* Nunca ganhámos a lotaria, mas também nunca tivemos doenças graves.

Pedro – Hum... Nem uma inspeção das Finanças...

Julia – Nem sequer fomos alguma vez sorteados para integrar um júri num tribunal.

Pedro – Tens razão. Não nascemos sob uma boa estrela, mas também não nascemos sob uma má.

Julia – Devemos ter nascido sob um céu sem estrelas.

Pedro – Ninguém deve ter reparado que nascemos.

Julia – E quando desaparecermos, também ninguém há de reparar.

Pedro – Somos como passageiros clandestinos nesta nave fantasma a que chamamos Terra...

Continuam a beber e a fumar em silêncio.

Julia – Se o tempo continuar assim, ainda podemos jantar no terraço.

Pedro – A Nina vem passar a consoada connosco?

Julia – Claro.

Pedro – E traz o peru, afinal?

Julia – Traz. E prometeu deixar a polícia fora da ceia.

Pedro – Ainda bem.

Julia – É pena o teu pai não ter podido ficar. Tínhamos passado uma noite em família.

Pedro – Chegou como o Pai Natal, mas foi ele que levou os presentes.

Julia – Não faz mal. Vamos ter uma consoada tranquila, só nós.

Pedro – Nunca mais vou conseguir jogar Monopoly.

Julia – Tens razão. Depois de uma partida destas, todas as outras seriam uma desilusão... *(Silêncio.)* E se abríssemos na mesma aquela casa de hóspedes?

Pedro – Acabo de saber que o meu posto no banco foi extinto... Já não podemos contar com a minha herança... E continuamos com a minha mãe a nosso cargo... Posso tentar não ver só a garrafa meio vazia, mas...

Julia – Eu encontrei a garrafa meio cheia.

Pedro – Como?

Julia – Descobri o que a tua mãe fez ao resto do dinheiro do assalto.

Pedro – O quê?

Julia – O cuco.

Pedro – O cuco?

Julia – Os contrapesos são de ouro maciço. E, com a crise financeira, o preço do ouro quadruplicou nos últimos anos...

Pedro – Não pode ser!

Julia – Quando ainda estava bem da cabeça, a tua mãe deve ter fundido metade das barras para fazer os contrapesos. Assim, se a polícia encontrasse o resto, não encontrava tudo.

Pedro – O ouro continua a ser um valor-refúgio. Tal como a família, claro...

Julia – Então?

Pedro – Então, o quê?

Julia – A casa de hóspedes?

Pedro – Porque não? No campo vou aborrecer-me tanto que não terei outro remédio senão escrever o meu romance...

Silêncio.

Julia – Tens mesmo a certeza de que aquele homem era teu pai?

Pedro – Uma coisa é certa: conhecia muito bem a minha mãe... Mas não sei porquê, sempre tive a impressão de ser filho do jardineiro...

Julia – A tua mãe dormia com o jardineiro?

Pedro – Isso ajudaria a explicar o misterioso acidente doméstico que ele sofreu...

Julia – Para já não falar da tua paixão pela agricultura.

Pedro – E se o jardineiro era o meu pai, pelo menos sei onde o encontrar. No jardim.

Julia – Sim... Mas não no nosso...

Silêncio.

Julia – Ainda tens alguns daqueles pés de tomate-cereja?

Pedro – Não. Fumámo-los todos.

Julia – Quando formos viver para o campo, tens de plantar mais.

O cuco começa a tocar sem parar, emitindo sons inteiramente novos.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-988-1

Documento para download gratuito